



A COMUNIDADE LGBTQIA+ DURANTE A DITADURA MILITAR DE 1964 NO BRASIL: Resistências e sociabilidades

CAVALCANTE JÚNIOR, Gabriel Francisco¹; **MENDES**, Chirley².

RESUMO

A ditadura civil-militar brasileira de 1964 representou um período de grande retrocesso para a conjuntura social e política do país, uma vez que a partir dessa as liberdades de expressão foram limitadas. Contudo, foi diante de tamanha repressão e da necessidade de uma vida digna e com liberdade que muitos movimentos começaram a surgir e se organizar na luta contra os aparatos repressivos do regime militar. É nesse contexto que a comunidade LGBTQIA +, ou homossexual, como era chamada na época, começa a se organizar contra as repressões, organizaram então grupos e coletivos, passeatas, manifestações, encontros e congressos com o principal intuito de combater e denunciar as violências cometidas pelo regime. Nessa perspectiva de denúncia às violências e promoção de espaços de interação e sociabilidade entre a comunidade LGBTQIA+, surgem também jornais como o Lampião de Esquina que assume um papel social e político relevante no contexto da ditadura militar brasileira, convertendo-se num campo social de lutas e resistências. Utilizamos o termo “resistência” para fazer referência aos atos que se contrapunham às normas sociais vigentes na sociedade da época, a exemplo dos acontecimentos mencionados anteriormente. É nessa perspectiva que o presente trabalho busca evidenciar as ações e organizações da comunidade LGBTQIA+ como importantes

¹ Bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/PIBITI). Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Educação, Humanidades e Saúde (CEHS). gabriel.junior@ufnt.edu.br.

² Professora Orientadora do bolsista no Programa de Iniciação Científica (PIBIC/PIBITI). Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Educação, Humanidades e Saúde (CEHS). chirley.mendes@ufnt.edu.br.



estratégias no combate à ditadura civil-militar e visibilizar essas pessoas como atores sociais relevantes na história do país.

Palavras-chave: Ditadura militar. Homossexualidades. Resistências.

I. INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

A ditadura militar brasileira de 1964 foi um período de grande repressão para grupos revolucionários e minorias no geral. Constituiu um regime em que a classe dominante, em sua maioria composta por homens brancos que ocupavam cargos de poder, conseguiu impor seus ideais e um modelo de sociedade para o Brasil. Nesse contexto repressivo e de perseguição, surgiram muitos grupos e coletivos LGBTQIA+, como o Somos. Foi nesse período também que pessoas LGBTQIA+ começaram a se organizar, reivindicando seus direitos e protagonizando os primeiros encontros organizados da comunidade (QUINALHA, 2021).

Renan Quinalha, importante pesquisador da ditadura militar brasileira de 1964, com enfoque as repressões sofridas pela comunidade LGBTQIA+ por parte do regime militar, em seu livro “Contra a Moral e os Bons Costumes”, nos relata várias formas de resistência, seja nos encontros em becos escuros, espaços auto-organizados ou mesmo através da famigerada navalha carregada em baixo da língua por mulheres transexuais e travestis. Nesse sentido, a presente pesquisa foca nas formas de resistência³ que essas pessoas encontraram para sobreviver às constantes perseguições sofridas durante esse período, distanciando-se dos costumeiros estudos que se concentram no aparato repressor e nas formas de repressão perpetradas.

³ Utilizaremos a categoria “resistência” em referência a qualquer ato que, de certo modo, tenha possibilitado a estes sujeitos driblar a vigilância dos agentes policiais e suas ações repressivas e violentas, influenciando o surgimento dos movimentos homossexuais ou mesmo contribuído para a sociabilidade das pessoas que pertencem a comunidade LGBTQIA+.



II. BASE TEÓRICA

Para este trabalho temos privilegiado o uso de autores que trabalham diretamente com a temática da ditadura militar brasileira e principalmente aquelas que em seus trabalhos fazem menção aos eventos que a pesquisa visa analisar, como Renan Quinalha e James N. Green, estes contribuíram com a Comissão Nacional da Verdade e para o surgimento do movimento LGBTQIA + no Brasil.

III. OBJETIVOS

O trabalho tem como objetivo o estudo e a análise das formas como a comunidade LGBTQIA+ enfrentou a perseguição, a censura e a violência do Estado durante a ditadura militar brasileira dos anos 1964, a fim de mapear as atividades que tomaremos como resistências.

3.2 Específicos

- Análise de jornais e/ou periódicos voltados para o público homossexual da época (GREEN; QUINALHA, 2022; QUINALHA, 2021);
- Mapear o surgimento de grupos e coletivos LGBTQIA+;
- Abordar contextos historicamente invisibilizados, focando na reconstituição de uma história plural do movimento;
- Identificar, analisar e mapear as passeatas, manifestações, encontros e congressos homossexuais ou que tiveram o apoio de homossexuais no período do regime militar, destacando as diversas formas de resistência.

IV. METODOLOGIA

A presente pesquisa tem caráter histórico em suas abordagens, uma vez que está focada no estudo de eventos já acontecidos, é, portanto, devido a isso que nela recorreremos a registros e fontes de outras pesquisas disponíveis digitalmente.



Buscaremos partir das questões propostas nos objetivos uma análise de discurso, - a análise de discurso “está interessado não nos detalhes de textos falados e escritos, mas em olhar historicamente os discursos” (BAUER; GASKELL, 2002). Utilizaremos de métodos qualitativos, que segundo Minayo (2002) é o método que trabalha os “significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” e que “não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

V. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre o final da década de 1970 e início de 1980, surge o que alguns pesquisadores chamaram de a “primeira onda do movimento LGBT brasileiro” (Green; Quinalha, 2022), um momento caracterizado pelo surgimento do *Núcleo de Ação pelos Direitos Homossexuais*, que posteriormente ficaria conhecido como o grupo *SOMOS: Grupo de Afirmação Homossexual*, grupo que atuou principalmente em São Paulo, mas que se estendeu em subgrupos a outras cidades do país, como o Rio de Janeiro. Este grupo, que logo ficaria conhecido pela sua atuação, decidiu-se primeiro pela sua auto-organização, dividindo-se em pequenos subgrupos de trabalhos e estudos. A partir da criação e atuação do grupo SOMOS, a comunidade LGBTQIA+ se torna mais ativa e cada vez mais vista. Seus membros e pessoas afins passam, então, a se engajar na militância, participando de manifestações como a dos trabalhadores no 1º de maio de 1980, onde carregaram duas faixas com as seguintes frases: “Contra a intervenção nos sindicatos do ABC” e “Contra a discriminação do/a trabalhador/a homossexual” (Green; Quinalha, 2022), bem como a manifestação do 20 de novembro, onde se comemorava o Dia da Consciência Negra, realizada em frente ao Teatro Municipal de São Paulo (Green; Quinalha, 2022).

O movimento LGBTQIA+ de algumas regiões brasileiras, mas principalmente no eixo Rio - São Paulo passou, então, a se organizar e promover encontros e



manifestações que reivindicavam por seus direitos e buscavam por representações nas diversas esferas sociais. No ano de 1980 realizou-se o “1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados” (1º EGHO), esse que veio a se tornar o primeiro encontro nacional de grupos homossexuais, realizado na cidade de São Paulo, onde foram organizados debates em formas de plenárias ou subgrupos de discussão que abordaram temas como a questão lésbica e o machismo entre os homossexuais. Dentre as principais deliberações se encontravam as questões de formalização jurídica dos grupos e a despatologização das homossexualidades (Quinalha, 2021, pp. 119–120). Em 1981 aconteceu o 1º Encontro dos Grupos Homossexuais Organizados do Nordeste realizado em Recife e também o 1º Encontro Paulista de Grupos Homossexuais Organizados (Quinalha, 2021, p. 138).

No final dos anos de 1970, surge a “imprensa entendida”⁴ que contava com uma série de jornais e colunas, como o *Snob*, o *Gente Gay* e o *Jornal Entender*, no entanto, o jornal *Lampião da Esquina* criado em 1978 no Rio de Janeiro, foi o que obteve maior relevância, seu número zero foi publicado em abril de 1978 (Green; Quinalha, 2022). O *Lampião* surgiu num momento de abertura política e efervescência de movimentos contra a ditadura militar brasileira, e foi considerado o primeiro jornal a abordar sobre as homossexualidades e lutar contra o preconceito e repressão ditatorial (Green; Quinalha, 2022). O *Lampião da Esquina* foi também inovador em sua abordagem, que distanciava-se da daquela mais comum entre os jornais já consolidados, os quais serviam como porta-vozes dos órgãos de repressão. Em suas páginas, os editores buscavam abordar temas sobre as sexualidades, bem como informar e conscientizar a população LGBTQIA+.

Existiam ainda, em meio a essa efervescência do movimento homossexual e de luta contra a ditadura militar brasileira, personalidades que optaram por se

⁴ A Imprensa Entendida ou Rosa Choque é como ficaram conhecidos os veículos de informação cujas publicações destinadas à comunidade LGBTQIA+, contando com uma série de publicações de diferentes segmentos.



manifestar através de outros meios de militância e combate, como foi o caso de Herbert Eustáquio de Carvalho, ou Herbert Daniel, como ficou conhecido. Herbert, homem gay, guerrilheiro que participou ativamente da luta armada contra as forças ditatoriais, e juntamente a isso tendo que lidar com a sua homossexualidade cada vez mais latente e em um tempo em que ser homossexual era tão errado quanto proibido, ele chegou mesmo a abdicar de sua sexualidade para que pudesse lutar ao lado de seus companheiros guerrilheiros.

VI. CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se então, que a ditadura militar de 1964 no Brasil, representa muito mais que apenas um período violento para a comunidade LGBTQIA+, no entanto, paradoxalmente, ela também representa um momento de resistência e construção do que viria a ser o movimento LGBTQIA+ no país. Um movimento que foi construído a base de muitas reivindicações, com muitos esforços para viabilizar a construção de espaços de sociabilidade, troca e agremiação para esses corpos que eram indesejáveis na sociedade, espaços estes que são indispensáveis para que pudessem conviver entre si e se apresentar para o restante da sociedade como corpos possíveis e existentes.

Podemos, então, observar ao longo do desenvolvimento da pesquisa que muitas foram as formas de resistência aos aparatos do regime militar praticadas pela comunidade LGBTQIA+ que, mesmo em meio a tantas perseguições, conseguiu se organizar no combate às repressões no Brasil. Essas micro-resistências incluem: organização e participação em passeatas e manifestações contra o regime; encontros e congressos de auto-organização do movimento LGBTQIA+; criação e participação em grupos revolucionários – tendo alguns deles tomado parte na guerrilha armada nas zonas urbanas e rurais; criação de jornais, folhetins e colunas voltadas para o meio LGBTQIA+. Todos esses fatores contribuíram para um



fortalecimento da identidade de uma comunidade que, a partir de então, passou a reivindicar por seus direitos e principalmente pelo fim da violência do Estado e do regime autoritário.

VII. REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto: imagem e som: um manual prático.** tradução de Pedrinho A. Guareschi.- Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.

GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. **Ditadura e Homossexualidades: Repressão, resistência e a busca da verdade.** 5º reimp. São Carlos: Edufscar, 2022.

GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan. Homossexualidades, repressão e resistência durante a ditadura. **Comissão Nacional da Verdade.(Org.). Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade**, v. 2, p. 289-302, 2015.

GREEN, James N. **Revolucionário e Gay: A vida extraordinária de Herbert Daniel**, pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão. 1º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2002.

QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes: A ditadura e a repressão à comunidade LGBT.** 1º ed. São Paulo. Companhia das letras, 2021.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+:** Uma breve história do século XIX aos nossos dias. 1º ed. 1º reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

VIII. AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Tocantins (FAPTO), o que tornou possível a dedicação do bolsista para o desenvolvimento da pesquisa e a dedicação às atividades nela envolvidas.